

A TORRE DAS ALMAS

UM CONTO DA SÉRIE “FILHOS DO ÉDEN”

Por Eduardo Spohr

I

Nada de torres de ouro, catedrais cintilantes ou campos floridos. Esta história começa em um ambiente bem mais singelo: uma praça de subúrbio, sob o sol vespertino, ao som de crianças jogando bola em um campinho de futebol ali perto.

Sentada em um banco de concreto, diante de uma mangueira sem frutos, Kaira observava o conjunto habitacional periférico, com seus varais apinhados e antenas de TV. Era uma bela jovem (ou assim parecia): ruiva clara, de cabelos longos, olhos verdes e sardas pontilhando o nariz. Vestia-se despojada, com jeans, camiseta e um fino casaco de moletom. Em pé, ao seu lado, um homem alto fazia a segurança. Seu nome era Zarion, um querubim de corpo atlético, pele escura e olhar felino. Usava roupas esportivas, para facilitar os movimentos em caso de luta, com tênis de corrida e jaqueta de lycra.

Um táxi de luxo — quatro portas, último modelo — estacionou na rua atrás da pracinha. Mariah saiu do automóvel com todo o cuidado para não sujar o tailleur. Prendeu os cabelos em coque e caminhou na direção de sua líder:

— E então, quem falta? — os serafins às vezes lembram executivos de alta patente cobrando os relatórios do mês. Mas era Kaira quem chefiava a missão.

— Ismael — respondeu Zarion. Ele era um anjo guerreiro, e como qualquer soldado tanto suas respostas quanto ações eram precisamente diretas.

— Não dá para acreditar que Gabriel indicou um *carrasco* para nos acompanhar. A casta reúne a maior corja de desagradáveis que eu já conheci — os serafins também gostam de reclamar. É uma mania inerente à sua ordem.

— É claro que dá para acreditar — Kaira censurou a conversa. — Ele é nosso *marechal* — e mudou o rumo da prosa. — O que conseguiu na polícia?

— Não mais do que já sabíamos. A mulher que viemos investigar suicidou-se há três dias. Simpática, alegre, adorada por todos, acima de qualquer suspeita. Idade: 58 anos. Os vizinhos não entenderam como ela pôde se atirar da janela. Até aí, sinceramente, não sei por que nos mandaram para cá.

— É óbvio — disse uma quarta voz, que se aproximava à direita, pela pracinha — Ela foi induzida ao suicídio.

— Ismael — Kaira o reconheceu. O recém-chegado era um hashmalim, a casta celeste de juizes e executores. Em sua forma material, chamada de *avatar*, Ismael era pálido e careca, de corpo ossudo e olhos sombrios.

— Nunca escutei uma hipótese tão ridícula — alfinetou Mariah, em resposta a Ismael — E mesmo que fosse, o que nós, *anjos*, temos a ver com isto?

— É o que vamos descobrir — decidiu Kaira. — É o que *precisamos* descobrir — Ela era uma ishim, mestre na província do fogo. Os ishins ocupavam a linha de frente dos exércitos de Gabriel desde que o arcanjo refugiara-se na Cidadela do Fogo, fazendo dali sua fortaleza na guerra civil contra o príncipe Miguel.

A desconfiança de Mariah a respeito de Ismael não era de todo infundada. Os hashmalins são os anjos da punição, e seus instintos os colocavam diretamente contra os ideais humanistas de Gabriel. Ismael declarara-se aliado aos rebeldes, abertamente, mas isso não o livrava do preconceito.

— Escutem — Ismael deslizou os dedos sobre os números desgastados da porta. — Tem alguma coisa aí dentro.

— Que “coisa”? — estranhou Kaira.

— Talvez eu tenha sido demasiado sombrio — ele reconheceu. — Nada que não possamos enfrentar. Vamos em frente.

— Zarion — a ruiva deu uma ordem implícita, e o querubim forçou a maçaneta, arrebentando o trinco sem muita dificuldade.

No apartamento minúsculo, de um só quarto e banheiro, a bagunça reinava. A polícia já estivera ali, era óbvio, mas provavelmente decidira não alterar a desordem. A televisão estava em pedaços, roupas íntimas cobriam o chão e papéis rasgados forravam a cama. Uma grossa camada de poeira sujava a superfície dos móveis.

— Vazio — constatou Mariah. — Não tem ninguém aqui. — O que ela queria era desafiar Ismael. — *Nada*.

Zarion começou a farejar, procurando indícios da passagem de qualquer criatura não humana — os querubins têm sentidos de predador, e podem rastrear suas presas por vários quilômetros. Kaira investigou os papéis. Eram fragmentos de jornal, encartes de supermercado, adesivos e revistas velhas. Mariah andou até o banheiro:

— O tecido é mais suave deste lado. Isto é comum?

— Eu disse que tinha alguma coisa neste apartamento — avisou Ismael, empurrando Mariah para o lado. Entrou no lavatório, tocou os azulejos, correu os olhos sobre a pia e de repente sua visão se perdeu no reflexo do espelho.

— Algum pressentimento? — perguntou Kaira. Os hasmalins são hábeis em perceber indícios e impressões espirituais.

— Acho que encontramos uma testemunha que os policiais não puderam interrogar.

— Onde? Além do tecido?

— Justamente.

— No plano astral? — os anjos, todos eles, conseguem, quase sempre, vislumbrar o plano astral, a primeira a mais rasa camada do mundo espiritual. — Não estou enxergando nada — disse Kaira.

— Daqui, também não enxergo grande coisa. Está escondido algures entre o astral e o plano das sombras — arriscou Ismael. — Não sei bem o que é. Posso me desmaterializar agora, mas gastarei muita energia ao voltar. Acha que vale a pena?

— Acho — Kaira mostrou-se decidida. — Mariah pode regular a membrana, temporariamente. — Olhou para a serafim.

— Mas eu... — Mariah não queria facilitar as coisas para Ismael, mas entendeu que era uma ordem — Está bem.

III

Com uma simples concentração mental, a maioria dos serafins é capaz de distender o tecido da realidade, a fronteira invisível que divide o mundo físico do espiritual, facilitando a manifestação de efeitos místicos diversos, incluindo a materialização e desmaterialização de entidades celestes. Mesmo contrariada, Mariah ampliou suas qualidades mentais e sentiu como se esticasse um fragmento queimado de borracha, tornando-o mais frágil. O corpo de Ismael formigou, foi ficando dormente, até que seu avatar dissipou-se. No instante seguinte, estava em um banheiro, igual àquele de onde saíra, com os mesmos móveis e objetos, à exceção das tonalidades escuras, difusas, que são características do plano das sombras.

Agachado num canto do boxe, notava-se um jovem magricela, tremendo, com os punhos cortados, sangrando. Não devia ter mais do que 20 anos: era branco, pálido, de cabelos castanhos, e estava nu. Quando viu Ismael, ele se levantou, estabonado.

— Onde vocês estavam? *Onde vocês estavam?* — gritou. — Por que me deixaram aqui? Deixa eu sair. Me deixa morrer! — o jovem desesperou-se — Me tira daqui, pelo amor de Deus. Por Deus. Eu quero morrer!

— Devagar — Ismael estendeu uma mão espalmada. — Vamos com calma. Vocês *quem?*

— Quem? O anjo negro. Ele me prendeu aqui. Por que vocês não me deixam morrer, caralho? Só quero morrer.

O rapaz aproximou-se de Ismael, meio agressivo, mas ele era um hashmalim, um carrasco, e não tinha paciência com almas penadas. Quando o jovem entrou em seu raio de ação, Ismael o agarrou pelo pescoço e o jogou contra o espelho, numa pancada violenta. No plano físico, Kaira, Zarion e Mariah sentiram a parede tremer, tal qual um fenômeno *poltergeist* — e era exatamente isso. Um distúrbio. Um *poltergeist*.

Ismael prendeu o fantasma pela garganta, como que ameaçando estrangulá-lo.

— Me larga, cacete! — o rapaz cuspiu a babava. — Me deixa ir embora, estou preso nesta merda. Quero morrer!

— Se você quer morrer, ao menos *morra* direito. Sabe o que costumamos fazer com os suicidas? Lá na Gehenna, de onde venho? — O timbre calmo e a voz grave eram extremamente perturbadores. — Sabe? — pressionou ainda mais a garganta. — *Sabe?*

— Não, não, não! — o fantasma berrava de medo. Ismael suavizou o tom para, enfim, persuadi-lo.

— E nem ia querer saber.

— O que você quer? — gaguejou o rapaz. — O que *vocês* querem de mim?

— Primeiro, acalme-se — repetiu. — Diga-me o que aconteceu. O que foi que você viu? Quem é esse anjo negro?

— Você vai me tirar deste lixo? — dos olhos escorriam lágrimas de sangue. — Vai deixar eu morrer?

— E o que você espera da morte? Acha que vai para o paraíso? Depois do que fez?

— A vida é minha — protestou. — Sou eu quem decido se morro ou se vivo.

— Não é bem assim.

— Foda-se. Eu só quero morrer! Me mata.

— Certo. Prometo tirá-lo daqui — concordou Ismael — Agora — encrespou o cenho. —, pode começar a falar.

Os hashmalins têm esta habilidade medonha de aprisionar certas almas não só em determinados lugares como em objetos materiais. Isso inclui os corpos físicos de pessoas vivas e até avatares! O efeito é semelhante àquele conhecido como *possessão*.

— Era uma *coisa* como você. Não igual, mas *igual*... Dá pra sentir — o jovem relaxou enquanto falava — Capuz preto, rosto invisível, olhos vermelhos, asas... O bicho tinha *asas* — ofegou. — Ele me *jogou* dentro da velha. Na hora, eu nem percebi. Acordei, e de repente estava vivo de novo. Eu me desesperei. Olhei para janela, me joguei. Nem pensei.

— E depois?

— O anjo negro me trouxe de volta para cá e me trancou neste banheiro. Por que, porra? Por que eu não consigo sair? Por que eu não posso sair?

Queima de arquivo — imaginou Ismael — *Como não se pode matar um espírito, a alternativa é prendê-lo.*

— Preferia estar no inferno — o suicida voltou a ficar agressivo — Me mata e me manda pro inferno.

Quero morrer!

Os hashmalins não são exatamente bondosos — são até perversos em certos casos —, mas têm um peculiar senso de justiça. Determinado a encerrar a gritaria, Ismael estendeu o braço direito e o espírito do jovem se transformou em uma substância branca, ectoplásmica, sendo imediatamente atraído à sua palma. Um dos poderes dos “carrascos” é o de sugar um número limitado de almas e retê-las por certo tempo.

Investigação encerrada, Ismael materializou-se no banheiro, passando ao mundo físico enquanto o tecido estava delgado. Cambaleou, fatigado pelo gasto de energia. Zarion o amparou primeiro; depois se afastou, vasculhou a cozinha, encontrou uma caixa de leite que ainda não azedara e a ofereceu ao companheiro.

— Notícias do além? — Kaira perguntou, simplesmente.

— Só uma — Ismael aceitou a oferta do amigo e respondeu, em meio às goladas: — Foi um dos anjo da minha casta.

Já era noite — uma noite quente e abafada, como são muitas noites tropicais — quando Kaira, Ismael, Mariah e Zarion tomaram o trem que deixava o subúrbio, ainda perdidos sobre o que fazer ou para onde ir. O vagão estava vazio, o que era comum àquela hora, dando aos celestiais a privacidade necessária para discutirem a missão.

— Não faz sentido para mim — Kaira encostou-se no assento. — Se os hashmalins podem capturar a alma de qualquer ser humano, então por que precisavam de um fantasma para induzir a vítima ao suicídio?

— A alma humana tem poderes ainda não totalmente compreendidos por nós, nem por *eles* — ponderou Ismael — Magia, fê, paranormalidade... Se alguns mortais podem repelir o assalto de demônios e espíritos malignos, por que também não poderiam evitar o ataque de anjos?

— Outra teoria idiota — provocou Mariah. — Não somos demônios. Somos celestes. Servos de Deus.

— Todos nós, tem certeza? — manobrou Ismael. — Então por que você está lutando esta guerra?

— O que está insinuando?

— Nada — o carrasco encolheu os ombros. — Só lembrando que a nossa principal batalha, dos anjos rebeldes, é contra as legiões do arcanjo Miguel, descendente direto de Yahweh. E então? Quem é o bandido e quem é o mocinho?

— Nós somos os mocinhos, claro. — Mariah sentiu-se agredida, e retrucou. — Mas entendo a confusão. Sua casta abraçou em peso os ideais tirânicos. Só um punhado de hashmalins está do nosso lado. Se é que realmente está...

— Sei o que você está sugerindo, e não vou perder tempo me defendendo. Seria contraproducente.

— Ei — Zarion os chamou, mudando de assunto — Não deveríamos estar indo para o centro da cidade?

— Sim — Kaira se levantou. — Não estamos?

— Acabamos de passar direto por uma estação, sem parar.

— O trem está descontrolado — percebeu Ismael.

Mesmo sem ter certeza do que os aguardava, Zarion enfiou a mão dentro da jaqueta e materializou sua espada, tirando uma lâmina de meio metro de onde não havia absolutamente nada.

— Tem alguém se aproximando. Ouço passos lá fora — o querubim ergueu o sabre e assumiu posição defensiva. Kaira inflamou as mãos, conjurando labaredas vermelhas. Embora eles estivessem dentro de um trem, cruzando o perímetro urbano, era noite fechada e não havia seres humanos por perto.

— Zarion, tire os outros daqui. Agora! — ordenou a líder. O guerreiro obedeceu, arrombou a porta traseira, agarrou Ismael e Mariah e os arrastou para o vagão logo atrás.

Entrementes, Kaira sentiu cheiro de pólvora e escutou um som engasgado além do forro de aço. Não esperou para ver o que era. Apontou para cima e disparou um jato de chamas, derretendo o metal como manteiga na brasa. O fogo fez o teto se desfazer, depois desabar, e junto ao ferro derretido caiu uma entidade — uma celestial materializada, aturdida pelo calor. Tinha os cabelos curtos, louros, e carregava duas pistolas de grosso calibre.

Na outra composição, Zarion decidiu voltar para ajudar sua amiga, mas quando ia cruzar a porta uma lâmina afiadíssima quase decepou-lhe a cabeça. Recuando, viu entrar no vagão um soldado inimigo, de espada na mão, cabelos longos e claros. O corpo magro o tornava extremamente veloz. Não vestia roupas modernas: seu traje lembrava um quimono de algodão cru, branco, preso por um cinto dourado.

— Pare, adorador de macacos! — os legalistas assim se referiam aos seguidores de Gabriel. — Peguei você.

— Então pegue isso — Zarion fez um movimento com a espada, obrigando o adversário a mover-se mais rápido. O inimigo não se acovardou, todavia, e avançou em seguida. Zarion deu um passo atrás e de uma hora para outra estavam engajados em uma troca de golpes tão célere que era arriscado a qualquer um chegar perto.

No carro à frente, a mulher-anjo recuperou-se do choque e mirou uma das pistolas contra a cabeça de Kaira, mas a ishim fez a coronha ferver e a inimiga não teve alternativa a não ser largar suas armas. A ruiva aproveitou a

distração, pegou uma barra de aço ainda quente e acertou a rival nas costelas, depois na cabeça, deixando-a inconsciente no banco do trem.

No vagão anterior, a lâmina do guerreiro passou raspando no rosto de Zarion. O querubim esperou que ele atacasse de novo, e o agarrou como nas lutas de boxe, anulando a distância necessária aos golpes de espada. Como era mais forte, segurou o soldado pela cintura e o arremessou através da janela. O pescoço quebrou ao encontrar a parede do túnel, e o corpo resvalou para baixo dos trilhos, para ser mutilado pelas rodas de ferro.

O trem perdeu velocidade, e os anjos regressaram à companhia de Kaira.

— Esta aqui está viva — avisou a ishim, referindo-se à inimiga desmaiada, que ela ferira com o bastão de metal.

— Armas de fogo, habilidade de controlar máquinas... — analisou Ismael. — Uma elohim, sem dúvida.

— Outra peça do quebra-cabeça — suspirou Kaira. — O que eles querem conosco?

Mariah tocou a testa da mulher-anjo, ainda esparramada nos bancos.

— Vou descobrir.

VI

Enquanto os hashmalim são mestres na arte de controlar almas, os serafins são hábeis no conhecimento da mente. É claro que é possível resistir a estas investidas psíquicas, mas aquela elohim estava indefesa — uma vítima perfeita para Mariah.

— Estão preparados? — instigou a serafim, ao concluir a sondagem da mente.

— Vá direto ao ponto — rosnou Zarion.

— Alguém conhece um anjo chamado Henoch?

— É um líder de minha casta — disse Ismael. — Abraçou a facção de Miguel e se tornou um arauto do príncipe. O que tem ele?

— Sua casta não é nada fácil, hein?

— Diga logo o que viu, Mariah — até Kaira já estava perdendo a paciência com ela.

— Henoch. Ele está estabelecendo uma coleção de almas e as guardando em sua torre. — revelou, finalmente. — Por algum motivo ele escolheu o plano físico para erguer sua fortaleza. Não me perguntem o porquê.

— Conseguiu ver onde fica esta torre? — perguntou Kaira.

— Boas ou más notícias primeiro?

— Boas.

— Perto — disse Mariah. — A má: Henoch está esperando por nós.

VII

As informações de Mariah levaram os quatro anjos aos limites da cidade, onde um terreno pantanoso fora transformado em lixão, com colinas irregulares de plástico, papel e madeira. Carcaças de animais levantavam um aroma fétido, atiçando os urubus e decorando o horizonte com uma negra paisagem de esgoto e dejetos. No leste, um prédio em ruínas contrastava com a pintura rósea do sol que nascia. Era circular, tinha formato de torre, e certamente fora abandonado ainda durante a fundação.

— Não me espanta que esse tal de Henoch tenha escolhido o mundo físico como base — disse Mariah. — Só os cães e os indigentes vêm aqui.

— O prédio parece desguarnecido — observou Zarion. — Por que?

— Às vezes a melhor defesa é simplesmente não chamar atenção — opinou Kaira — Todos prontos?

— É bom que estejamos mesmo — advertiu Ismael — Henoch é um arauto. Não se esqueçam disso.

Os arautos são anjos de grande poder, que frequentemente recebem missões dos arcanjos. Os celestiais nem pensaram em recuar, mas entenderam o que Ismael queria dizer.

Eles não tinham a menor chance.

VIII

O primeiro andar do prédio não tinha paredes. Vigas de aço sustentavam a estrutura da torre, dando forma a um pátio interno de vergalhões entortados. Kaira, Zarion, Ismael e Mariah estavam no lugar certo, sem dúvida. A construção era, toda ela, como um grande *santuário*: uma área no mundo físico onde o tecido da realidade é finíssimo, possibilitando aos anjos manifestarem suas asas, armas e poderes sem qualquer dificuldade.

Um elevador industrial levava aos níveis superiores, e parecia o único meio de acesso ao refúgio de Henoah.

— Em caso de incêndio, use a escada — advertiu Mariah. Não era exatamente uma piada. Os serafins têm essa mania de usar subterfúgios linguísticos, como parte de sua comunicação natural.

Kaira olhou para o ascensor e calculou as opções.

— O poço é muito estreito para subir voando por ele — disse. — E escalar pode ser ainda mais perigoso.

— E se for uma armadilha? — perguntou Zarion.

— Mas é *claro* que é uma armadilha — Mariah retrucou, enfaticamente.

— Se Henoah é assim tão poderoso, já poderia ter nos matado — argumentou Kaira. — Teremos que fazer o jogo dele. Por enquanto.

Entraram no elevador. Só havia um botão — e subia.

IX

A porta pantográfica abriu, dando acesso a um ambiente exótico para uma moderna torre de concreto. Na câmara adiante, os seres que ali moravam haviam construído uma rotunda gótica (ou algo que o valha), muito

parecida à abside das antigas catedrais, com vitrais multicolores e estátuas de mármore. Colunas medievais seguravam o teto e mais ao fundo, onde seria o altar, uma figura horripilante ocupava um trono dourado.

Henoch tinha, ao longo dos séculos, galgado a hierarquia dos hashmalins, destacando-se também como oficial legalista, e agora era um algoz do arcanjo Miguel. Vestia uma túnica preta, com enormes asas que surgiam das costas. O corpo era físico, mas de contornos negros, trevosos. Os olhos, vermelhos, brilhavam intensamente através do capuz. Ao redor dele, por toda a extensão das paredes, Ismael reparou que em minúsculas alcovas pulsavam pálidos pontos de luz — era ali, certamente, que o inimigo guardava suas almas roubadas.

— É só dar a ordem — Zarion ergueu o sabre, aguardando a permissão de Kaira para atacar. — Quando quiser.

— Que seja agora — ela disse, e autorizado ao combate o querubim partiu com toda a energia para cima de Henoch, que nem se mexeu na cadeira. Usando os seus poderes de arauto, conjurou um tentáculo de sombras, que capturou Zarion e o sacudiu para os lados, para frente e para cima, jogando-o depois contra um dos pilares. O guerreiro caiu desacordado em um canto da sala, e sua espada rolou aos pés do inimigo.

Notando o massacre, Kaira preparou suas rajadas de fogo. Antes disso, porém, o mesmo pseudópode de trevas apanhou a arma de Zarion e a lançou sobre ela. A lâmina cortou o ar com um zumbido metálico e acertou o peito da ruiva, errando o coração por milímetros. Kaira tombou de bruços, agonizando em uma poça de sangue.

Quase ao mesmo tempo, Mariah investiu com seu *Choque Mental*. Henoch percebeu a intenção e respondeu com uma estratégia macabra. Levantou o dedo e uma alma, daquelas guardadas nas alcovas, saiu voando na direção da serafim, atingindo-a e penetrando o seu corpo. Embora não letal e de curta duração, esta técnica deixava os avatares confusos e indefesos por certo tempo. Mariah tropeçou, assaltada por convulsões e espasmos.

Ismael não tinha saída. Mas, para ele, o adversário reservara outro destino.

— Ismael — Henoch falou pela primeira vez, e, embora fosse um anjo, sua voz era diabólica. — São seus amigos?

Ismael ficou em silêncio. Não tinha o que falar.

— Patéticos. Admira-me ver você entre eles. Uma vergonha. Os líderes de nossa casta estão com o arcanjo Miguel, e oferecem anistia. — Ismael começou a entender os planos de Henocho — Vai querer vir conosco?

Como se eu tivesse opção — pensou.

— Por que lutar por uma causa perdida? — Henocho continuou com o seu raciocínio — Vamos acabar com os seres humanos e reassumir o nosso lugar nas alturas. Vamos purificar o mundo. Começar tudo de novo.

— Começar de novo não seria uma má ideia — Ismael apontou para os nichos na parede. — O que são essas almas?

— Uma genialidade minha — ele riu, nada modesto. — São conhecidos como “iluminados”, homens e mulheres que têm salvação garantida. E pode acreditar, não são muitos. Vamos usá-los para invadir o Terceiro Céu.

Ismael engoliu em seco. O Éden Celestial era uma camada reservada aos santos e demarcava uma fronteira segura entre os níveis superiores, controlados pelo arcanjo Miguel, e as camadas inferiores, território de Gabriel. Se os legalistas invadissem o Terceiro Céu, usariam a dimensão para lançar uma ofensiva esmagadora contra as legiões rebeldes.

— Nenhum anjo pode entrar no Terceiro Céu — ele lembrou. — Desde o dilúvio, suas portas estão lacradas.

— As almas dos justos nos mostrarão o caminho — disse Henocho. — Logo, as forças revolucionárias serão destronadas. A guerra terminará, e voltaremos nossas atenções para limpar esta sujeira. — E perguntou pela última vez: — Você vem comigo?

Em vez de replicar, Ismael preferiu ajoelhar-se, num gesto de submissão. E assim, quase se arrastando, aproximou-se de Henocho, até aceitar sua mão.

— Melhor deste jeito, Ismael. Melhor deste jeito — a sensação de vitória era clara na voz cavernosa — Mas ainda não me respondeu. Por que desertou? O que o fez aliar-se aos insurgentes?

— Espero que me perdoe, irmão. Mas você já deveria saber. Eu nunca me rebelei, pelo contrário. Sou um anjo. E esta é a vontade de Deus.

Antes que Henocho digerisse a resposta, sentiu um estranho formigamento na palma, e a seguir uma sensação de impotência o dominou. Alguma força externa apoderava-se dele, roubando o controle de seu corpo físico.

Ismael se levantou. Tomou uma distância segura, à medida que o oponente tremia, gritava e berrava. Era como se estivesse... *possuído*.

Naquele instante, Zarion recuperou o vigor e viu quando Henocho, enlouquecido e desesperado, correu na direção da janela.

— Eu quero morrer! — esgoelou-se. — Me deixem morrer!

Totalmente fora de si, Henocho estilhaçou o vitral e despencou para a morte. Como o tecido era mais grosso lá fora, suas penas queimaram, a forma de sombras regrediu e finalmente seu corpo encontrou o chão de concreto. Mariah, ainda meio tonta, enfiou a cabeça através da vidraça e enxergou o cadáver perfurado por meia dúzia de vergalhões, quarenta metros abaixo.

— Incrível — ela esboçou um sorriso. — Eu não teria pensado em nada melhor.

X

Kaira estava cansada e bastante ferida, mas fora de perigo. Zarion e Mariah não corriam mais riscos. Ismael salvara o dia. Os quatro deixaram a torre quando o sol atingia o seu zênite.

— Bom trabalho — Kaira elogiou Ismael, depois apoiou-se numa pilha de escombros. — Excelente trabalho. — Tirou o moletom e o torceu. Sangue fresco gotejou sobre o lixo. — Mas o que aconteceu com a alma do suicida?

— O que acontece com a maioria dos suicidas — ele explicou. — Deve ter sido atirada ao limbo. Era tudo o que ele queria: morrer.

— Promessa é dívida — comentou Mariah. — E Henocho?

— Seu corpo físico foi destruído, o que significa que ele ainda pode voltar. Mas não agora. O coração foi trespassado, então ele ainda precisará de tempo para refazer o avatar.

— E as almas na câmara? — Zarion estava intrigado.

— Temos de libertá-las.

— Como? — perguntou Kaira.

— Os espíritos estão presos em objetos sólidos. Precisamos destruir a torre. É o único jeito.

— E depois?

— Depois temos que nos reportar a Gabriel, imagino. Já encontramos a informação relevante.

Enquanto Ismael falava, Kaira reuniu suas últimas forças para esquentar as vigas do prédio. Como havia muito lixo no térreo, o incêndio se alastrou rapidamente. As armações de aço derreteram ante os poderes da ruiva, e poucos minutos depois a estrutura toda desabou.

— Feito. — O esforço foi tanto que Kaira teria desfalecido, se Zarion não a tivesse amparado. — Ismael — ela se voltou para o hashmalim, e insistiu, em meio aos pigarros. — Diga — tossiu. — Qual é a informação relevante?

— Agora sabemos que Miguel pretende invadir o Terceiro Céu, a qualquer custo. Henoch e sua torre das almas eram só uma das frentes desta batalha.

— Há outras?

— Claro — mas ele não estava bem certo. — Muito provavelmente.

— Então, vamos encontrá-las — Kaira respirou fundo.

— Quando? — perguntou Zarion, faminto por mais ação.

— Agora.